

midades do corpo burguês que se deviam dar as explosões violentas, de preferência a seu coração, pois aqui a possibilidade de restabelecer o equilíbrio rôto era maior do que ali".

Não era evidente que isto se referia claramente à Rússia, situada longe do coração capitalista? Não tivera Lenine tôda razão em provocar a irrupção violenta nessas "extremidades do corpo burguês"? Ora pois, o "leninismo" era o único verdadeiro marxismo prático. Agora, ninguém mais, na Rússia bolchevista, se atrevia a duvidar disso. Com êsse "leninismo" deviam realizar-se tôdas as profecias, tôdas as promessas do grande profeta!

\* \* \*

Durante cinco mil anos, desde o tempo de Daniel, sempre se ergueram homens a proclamar que, na vida do mundo, imperava uma lei que levaria a humanidade à abundância dos bens e à felicidade eterna, depois de ter subido diversos degraus indispensáveis e atravessado uma última fase de extrema miséria. A mesma profecia constituía também a essência do quiliasmo marxista, pois, segundo a lei lógica de Marx, exatamente como na lei cíclica de Daniel, a decadência universal significaria o nascimento dum mundo novo e purificado. E desta vez também, como em tôdas as épocas, visionários iluminados pretendem ser capazes de profetizar, especificando o ano, o dia e a hora, o momentó em que despontaria a aurora da salvação. Com efeito, Trotzky nos conta como Lenine, logo depois de sua ascensão ao poder, declarara categoricamente que a "sociedade sem classes" seria realizada dentro de seis meses.

Eis porquê os crentes bolchevistas se reuniram, como seus predecessores de Peruza, do Monte Tabor, de Münster, de Magdeburgo e de Erfurt e, confiantes, se prepararam para o advento do reino dos mil anos. Lenços vermelhos espalharam por todo o país o seu festivo ornamento. Nas cidades, as filas de casas ficaram cobertas de cartazes gigantescos onde pinturas e inscrições entusiastas celebravam o fim de tôda exploração e de tôda miséria. O que jamais fôra prometido aos desherdados, aos pobres e aos maltratados, ressoava, sem interrupção, dos alto-falantes do Kremlin, que trombeteavam para todos os pontos cardiais. Em tôdas as choupanas do grande império, se podia ouvir a Boa Nova de que, doravante, a terra e seus frutos pertenciam a todos, da mesma maneira que os celeiros também se achavam abertos para os mais pobres, que cada um tinha direito igual à mesma quantidade de pão, de roupa, de calor e de prazer; cada qual tinha direito a viajar gratuitamente nas estradas de ferro, assentar-se a mesas servidas e aquecer-se a estufas quentes. Pois tôdas as diferenças de direitos e de propriedade, graças às quais os nobres e os ricos tinham até então violentado o povo, avassalando-o e pri-

vando-o dos frutos de seu trabalho, estavam, agora, suprimidas para sempre.

Num hino extático, o novo bardo Demjan Bednij glorificava o "povo soberano" a quem agora deviam pertencer os bens do mundo:

"Ele porém falou:

Tudo isso é meu!

Ruas, palácios, canais, a bolsa, o banco,

Galerias, celeiros, ouro, fazendas, a comida, a bebida,

Bibliotecas, teatros, museus,

Parques, avenidas, jardins e passeios,

A pompa das obras de mármore e de metal,

Os versos do poeta, o canto dos cantores

As tôrres, os navios, os zimbórios, os campos ao redor,

Tudo isso é meu!!!"

Durante os primeiros meses após a revolução bolchevista, a Rússia era presa de uma vertigem de messianismo. Assim como, outrora, Engels fôra além dos ensinamentos de Marx, assim agora Trotzky sobrepujava a seu companheiro Lenine na quantidade das predições. Libertara-se, até, da costumeira terminologia econômica daquela revolução, para falar, em palavras nitidamente quiliásticas, no iminente século de ouro: "Deixemos os padres de tôdas as religiões contar-nos o que quiserem sobre o paraíso no mundo do além: quanto a nós, proclamamos que trazemos à raça humana um verdadeiro paraíso neste mundo. Êste grande ideal não podemos seriamente perdê-lo de vista um minuto sequer. E' o escopo mais alto a que a humanidade jamais aspirou e nêle se concentra e se integra tudo o que os antigos credos tinham de mais belo e de mais nobre".

Também a transformação mágica do mundo criado naturalmente e a do próprio homem e que, outrora, os antigos esperaram do reino da salvação, tinha de ser realizada agora. Trotzky porventura não prometera que o homem se tornaria, dentro de pouco tempo, "infinitamente mais forte, mais inteligente e dotado de sentidos muito mais agudos?" Seu corpo ia tornar-se mais harmônico, sua voz mais sonora. "A média da humanidade vai elevar-se ao nível dum Aristóteles, dum Goethe ou dum Marx e, por trás dessa cordilheira, vão resplandecer novos cumes ainda mais altaneiros".

Porém, ainda desta vez, sucedeu o que já se repetia regularmente há cinco mil anos: justamente a última fase da grande "ressurreição" não chegou. Foi mister contentar-se com as "dôres do parto do Reino Final". Nada pudera levar o mundo a obedecer a uma lei inventada pelos homens e a modificar fundamentalmente a sua essência. Êsse mundo que não se transformara, quando Daniel, o abade de Fiori, os Anabatistas, os milenaristas e os "santos dos últimos dias" proclamavam o advento do Novo Reino, não se deixou tampouco influir,